

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 23.0386

Pg.: _____

Severo Gomes

**190 Os índios
de Roraima (1)**

Chegamos pela manhã a um dos postos da Funai que mantém contato com os Yanomami. Os índios foram aproximando-se lentamente e resabiados. Nenhuma mulher. Estas só apareceram no final da tarde, depois de passarem o dia embrenhadas e aguardando o sinal verde dos guerreiros. Mantiveram-se à distância, mas atentas a tudo o que ocorria.

Os Yanomami são a tribo mais numerosa entre os indígenas brasileiros, e os de cultura mais preservada. De acordo com a Funai, devem ser cerca de nove mil no Brasil e outro tanto na Venezuela, pois vivem nas terras limdeiras dos dois países.

A língua Yanomami comporta alguns subgrupos, que definem diferentes áreas de seu território. As variações linguísticas e as distâncias dialetais autorizam os antropólogos a supor que os Yanomami ocuparam a mesma área por cerca de três mil anos.

Tratava-se do maior congresso de "Tuxauas" (caciques) de toda história daqueles índios. Havia também dois "Tuxauas" Macuxis que lá estavam como observadores, mas também para contar a longa experiência do seu doloroso contato com os brancos. No começo, as amabilidades e os pequenos presentes, em seguida, a contaminação com as doenças comuns nos brancos e mortais para os índios. No final, a expulsão do índio de suas terras.

No Conselho dos "Tuxauas" todos discursaram longamente. Falaram de seu infortúnio na convivência com o branco e da necessidade de eliminar as querelas internas, para uma união guerreira contra as invasões. Os discursos eram semelhantes: "Comem nossa queixada, nosso mutum, nosso sapo e nossa cobra, envenenam as águas, derrubam a mata e deixam o sarampo, a catapora e a coqueluche, que dizimam adultos e crianças".

Na manhã seguinte saíram alguns caçadores e voltaram umas três horas depois com quinze queixadas, quase todas mortas com uma única, certa e mortal flechada. Hábeis magarefes, em pouco tempo limpavam e esartejavam os animais. Uma parte começou a ser assada, e o restante moqueado para ser comida no curso da semana. Carbonizada na superfície, por mais de dez dias a carne é infensa à podridão.

A tarde seguimos a pé para a aldeia Watoriktheri, que quer dizer Serra dos Ventos. Uns oito quilômetros difíceis para nós e fáceis para toda a tribo, onde as mulheres andavam alegres, carregando pesada carga de porco moqueado, bananas, além das crianças.

Chegamos à aldeia junto com a noite. Aí o espanto com a comvente beleza da maloca. Uma enorme construção de madeira, bambu e palha. Redonda como uma bacia emborcada e sem fundo. Mais de cinquenta metros de diâmetro. Toda a volta coberta em torno do círculo central (com vinte e cinco metros de diâmetro) em cuja borda o telhado alcançava dez metros de altura, com as águas vertentes para o limite redondo da maloca.

As famílias distribuíram-se pelo círculo junto às paredes de palha. Armaram redes rústicas e acenderam pequenas fogueiras que foram realimentadas a noite inteira.

O céu limpo e estrelado só podia ser visto dentro da enorme objetiva, que limitando o espaço de observação, tornava mais nítidas as estrelas que nele se continham.

Seguiram-se cantos e danças, que saudaram hospitaleiramente os visitantes. O encantamento foi tão grande que não demos maior atenção às pulgas que tinham se multiplicado na ausência dos índios, que há mais de vinte dias desabitaram a maloca para nos esperar no posto Demini.

A expectativa do dia seguinte nos tirou o sono, e só nos demos conta da passagem da noite quando na objetiva central as estrelas foram cedendo lugar à opalescente madrugada.